

POR UMA PALETA DE CORES DE MINAS GERAIS

Ludmila Reis Pinheiro (UFMG)
ludmilarpletras@hotmail.com

RESUMO

O estudo da Toponímia possibilita descortinar realidades contextuais de povoa-mentos, seu ambiente e costumes. O processo de nomeação, portanto, é um ato designa-tivo a partir da relação homem e sociedade. Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo descritivo – línguo-cultural – dos topônimos relacionados às cores, isto é, cromotopônimos, presentes no estado de Minas Gerais. O arcabouço teórico que am-para esta é pesquisa é o conceito de cultura de Duranti (2000), os pressupostos teórico-metodológicos de Dick (1990a, 1990b; 2004; 2006) e na teoria da mudança e variação de Labov (1974). O *corpus* da pesquisa é proveniente do banco de dados do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico de Minas Gerais. Pertencem à categoria dos cromotopô-nimos 589 dados, que foram analisados quantitativa e qualitativamente. Em uma aná-lise inicial, constatou-se o uso predominante das cores vermelho, preto, dourado, verde e malhado nos cromotopônimos mineiros, o que pode ser explicado pelo ambiente de atividade mineradora, pecuária e de agriculturas, tão fortemente presentes no estado quando de seu povoamento.

Palavras-chave:

Cromotopônimos. Cultura. Léxico.

ABSTRACT

The study of Toponymy makes it possible to uncover the contextual realities of settlements, their environment and customs. The naming process, therefore, is a designative act based on the relationship between man and society. This work aims to carry out a descriptive study – linguistic-cultural – of toponyms related to colors, that is, chromotoponyms, present in the state of Minas Gerais. The theoretical framework that supports this research is Duranti's (2000) concept of culture, Dick's theoretical-methodological assumptions (1990a, 1990b; 2004; 2006) and Labov's theory of change and variation (1974). The research corpus comes from the database of the ATEMIG Project – Minas Gerais Toponymic Atlas. 589 data belong to the category of chromotoponyms, which were analyzed quantitatively and qualitatively. In an initial analysis, the predominant use of the colors red, black, gold, green and spotted in Minas Gerais chromotoponyms was found, which can be explained by the environment of mining, livestock and agricultural activities, so strongly present in the state at the time of its creation. population.

Keywords:

Chromotoponyms. Culture. Lexicon.

1. Introdução

Esta pesquisa teve como foco apresentar parte dos resultados gerais sobre a topônimos referentes a cores – cromotopônimos – presentes em

todo o estado de Minas Gerais. Os estudos toponímicos oferecem um valioso conjunto de indícios para descortinar evidências de cenários natural e cultural de uma região, uma vez que, como importante fator de comunicação, permitem a identificação e a recuperação de fatos linguísticos recorrentes no ato denominativo bem como o reconhecimento e a conservação das tradições e costumes de uma comunidade. Dessa maneira, esta pesquisa visa contribuir para as investigações linguístico-culturais que vêm sendo feitas no Brasil referentes à língua portuguesa, ao investigar e descrever os nomes de lugares motivados por nomes de cores presentes em todo o território mineiro.

Os dados do *corpus* desta pesquisa foram extraídos do banco de dados sincrônicos do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – ATEMIG – desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), desde 2005.

O objetivo desta pesquisa foi identificar, analisando o sintagma toponímico, as cores que mais figuram e representam espaços e tempos no processo de povoamento do estado de Minas Gerais.

2. Aspectos teóricos-metodológicos

A linguagem é uma instituição humana, um instrumento de comunicação, produto da sociedade, tal instituição é imutável e varia conforme pressão de necessidades diversas e influência de outras comunidades (MARTINET, 1973). A capacidade da linguagem do ser humano permite traduzir o mundo em palavras cuja construção lexical advém de recortes do mundo real. A língua teria, portanto, uma palavra para cada categoria. Desse modo, o falante reconhece uma realidade, memoriza-a (por meio da associação da imagem a um nome), distingue-a caso a língua lhe ofereça uma nova palavra para tal (BROWN; LENNEBERG, 1954 *apud* BIDERMAN, 1981). Dessa forma, as noções de cultura e linguagem se conectam, de forma que a segunda pode ser vista como recurso da primeira (DURANTI, 2000). Concorde-se, assim, com a definição de que “a cultura não é um fenômeno material; não se trata de coisas, genes, comportamento ou emoções, mas de uma organização de todos eles” (DURANTI, 2000, p. 47). A língua é um fato social sendo influenciada por pressões sociais que operam continuamente sobre ela, portanto o contexto social deve ser considerado (LABOV, 2008 [1972]).

O sistema linguístico permite que os indivíduos se expressem, manifestando elementos da experiência humana advindos de interações com

o ambiente físico e cultural (Biderman, 1981), como valores, ideias, atitudes e condutas, de forma consciente ou não, em situação concretas (necessidade humana), tornando-os personagens históricos (DICK, 1990a). O léxico de uma língua natural registra o conhecimento do mundo (Biderman, 1987).

Nesse cenário, o acervo verbal de um idioma, o português como exemplo, resulta do processo de categorização secular na cultura (BIDERMAN, 1981), constituindo o léxico “um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multiseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época, *mots-témoins*.” (SEABRA, 2015, p. 73). De tal modo, as línguas organizam seu léxico de acordo com suas necessidades práticas. A variabilidade no léxico reflete o ambiente social, tendo alcance no tempo e espaço. Dependendo da complexidade cultural de um grupo, seu léxico se configura mais ou menos robusto e ramificado (SAPIR, 1961).

Na Lexicologia, estuda-se a Onomástica, que é campo que pesquisa os nomes próprios. Do grego *onoma*, ela tem como objeto de estudo os nomes próprios de lugar ou de pessoa. Ela possui como áreas de estudo: a Antroponímia (do gr. *antropos* – homem) que engloba nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos e a Toponímia (do gr. *topos* – lugar) que investiga nomes próprios de lugares. A Toponímia do grego *topos*, ‘lugar’, investiga o léxico toponímico por meio do estudo dos nomes próprios de lugares. Tem como objeto de estudo – o topônimo – e métodos de pesquisa bem definidos, em que se investigam “os designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades etc.)” (DICK, 1990a, p. 119). Este trabalho é vinculado a esta disciplina.

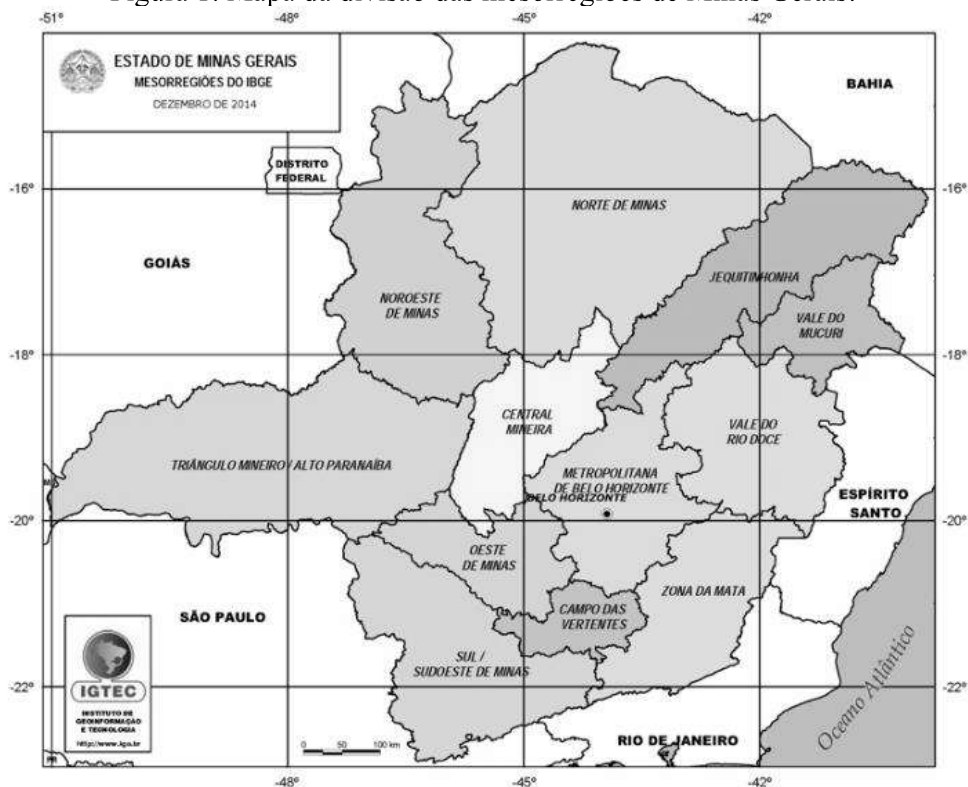
A pesquisa toponímica brasileira deve estar pautada nestes dois aspectos importantes: (i) no estudo da natureza linguística dos topônimos que conformam a nomenclatura geográfica brasileira e (ii) – no estudo da motivação ou da natureza semântica dos nomes envolvidos no ordenamento onomástico brasileiro, configurando categorias taxonômicas. (DICK, 1990)

Este projeto abrange o “método das áreas”, utilizado por Dauzat, que propõe o remapeamento da divisão municipal de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão, e a distribuição toponímica em

categorias taxonômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, as quais foram sugeridas por Dick (1990).

Visando constituir um corpus de dados contemporâneos para posteriores análises sincrônicas e diacrônicas, a equipe do Projeto ATEMIG coletou topônimos em todo o território mineiro, seguindo a divisão proposta pelo IBGE, que recorta o estado em 12 mesorregiões, a qual esta pesquisa também seguiu, conforme pode ser visto no mapa a seguir:

Figura 1: Mapa da divisão das mesorregiões de Minas Gerais.



Fonte: Site do Governo do estado de Minas Gerais.

Após coletados os dados de cromotopônimos, eles foram analisados por meio da ficha lexicográfica em que se classifica as ocorrências dos topônimos.

A seguir, um exemplo dessa classificação adaptado e proposto por Seabra (2004) e Carvalho (2014) para a divisão regional de Minas Gerais.

(18) PRETO		cor										
DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG												
Total de topônimos no Estado: 100												
Origem da base léxica cromotoponímica: português												
Gênero: Masculino e feminino												
Número: singular e plural												
Distribuição dos topônimos nas doze mesorregiões:												
CAMPO AS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHON HA	METROPOLIT ANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOEST E DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE	ZONA DA MATA	
	3	5	12	6	7	3	7	6	1	35	15	
Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos:												
Acidentes Físicos: 95												
Acidentes Humanos: 5												
Descrição morfológica de variantes (ocorrências). Exemplos:												
Capão Preto = Nm [ADJsing]												
Rio Preto = Nm [ADJsing]												
Rio Preto de Itambé = NCm [ADJsing + {Prep + Ssing}]												
Lagoa Preta = Ncf [ADJsing]												
Lagoa Preta de Baixo = Ncf [ADJsing + {Prep + ADV}]												
Lagoa Preta de Cima = Ncf [ADJsing + {Prep + ADV}]												
Ilha das Pretinhas = Nf [{Prep + Artigo plural + Spl}]												
Morro Preto = NCm [ADJsing]												
Fazenda Pretinho = Nf [Ssing]												
Informações Enciclopédicas:												
<p>Preto. preto (ê), [Do lat. "prettu.] Adj. 1. Que tem a mais sombria de todas as cores; da cor do ébano, do carvão. [Rigorosamente, no sentido físico, o preto é a ausência de cor, como o branco é o conjunto de todas as cores. v. cor (1).] 2. Diz-se dessa cor. 3. Diz-se de diversas coisas que apresentam cor escura, sombria; negro: <i>O céu ficou <u>preto</u> de fumaça.</i> 4. Sujo, encardido. 5. Diz-se do indivíduo negro. 6. Diz-se da cor da pele desses indivíduos, ou da cor da pele clara queimada pelo sol; negro. 7. <i>Tip.</i> Diz-se do tipo (ou fio) de traços acentuadamente mais fortes que o normal; negro, gordo. [Nesta acepç., v. <i>meio-preto.</i>] 8. <i>Bras.</i> Difícil, perigoso; roxo: <i>Eu vi as coisas <u>pretas</u>.</i> V. bode, café, chá, fava-a, frades-s. naipes-s, pão e terra-a. S. m. 9. Indivíduo negro. [Aum., nesta acepç.: <i>pretalhão.</i>] 10. A cor preta [v. de cor (3)]: "Toda de <u>preto</u> vestida / como um poema fechado / num envelope de luto" (Raul Bopp, Puturum, p. 147); "Andava quase sempre de <u>preto</u>, cor muito da época." (Carlos Lacerda, <i>A Casa do Meu Avô</i>, p. 77). [Sin. (salvo na acepç. 7): <i>negro</i>. Pl.: <i>pretos</i> (ê). Cf. <i>preto</i>, adv., <i>Preto</i>, mit. e antr., e pl. Pretos.] Pôr o preto no branco. Passar a documento escrito qualquer declaração verbal.</p> <p>Origem: Português<Latim</p>												

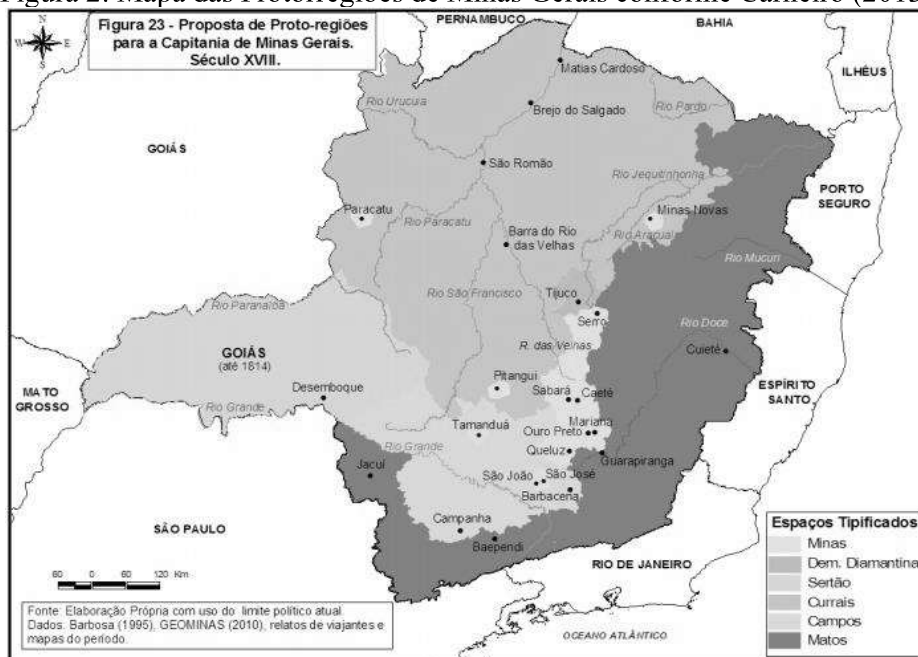
Voltando a discorrer sobre o estado de Minas Gérias, entende-se que a ocupação humana acontecia nos centros da mineração, configurando-se, assim, a partir da base econômica da exploração das minas (ouro e diamantes). Dessa forma:

Os rios descendo em busca do mar cortaram o planalto em sulcos profundos, cada grupo de afluentes do mesmo conjunto hidrográfico dando a imagem exata da mão humana aberta em leque. No fundo desses vales, quando a torrente encachoeirada toma-se em manso rio, as águas depositaram pepitas de ouro no meio do cascalho. Os bandeirantes, subindo o rio, instalaram-se nos vales (TORRES, 2011 [1943], p. 68)

Das águas do Rio São Francisco, caminhos eram trilhados para o povoamento, picadas se abriam, e nelas o gado passava, por onde se ouviriam o chiado dos carros de boi. (DIÉGUES JUNIOR, 1960).

Uma diferenciação interna para a Capitania de Minas Gerais no século XVIII seria a baseada em “proto-regiões”, isto é, “uma determinada extensão do espaço geográfico em formação e diferenciação precoce, com a predominância de algum atributo peculiar, responsável por fornecer o critério chave de distinção” (CARNEIRO, 2013, p. 303).

Figura 2: Mapa das Protoregiões de Minas Gerais conforme Carneiro (2013).



Fonte: Carneiro (2013, p. 304).

A consolidação da povoação se ligava à institucionalização do controle da terra (MONTE-MÓR, 2001). Levando-se em consideração tal perspectiva, na primeira metade do século XIX, a organização da economia mineira teria sido marcada por fortes contrastes regionais, tendo como

principal fator a distribuição da população e a grande variação do nível de atividade econômica, sobretudo a mineração. Logo, as formas de ocupação e exploração econômica definiam processo de desenvolvimento do povoamento e sua fixação (CUNHA; GODOY, 2003).

A respeito do fenômeno da cor, entende-se que sua percepção advém de um processo físico e cultural, dessa maneira, as cores são encontradas nas paisagens que compõem o território mineiro. Por isso, para aproximar dessas percepções cromáticas, baseou-se no trabalho de Carneiro (2013), tendo em vista o conceito de protorregião, quais sejam: minas, sertões, matas, campos e currais. Além dessa descrição física, também se apresentam as atividades econômicas e culturais – características das mesorregiões, a saber, mineração por excelência, seguida da pecuária e agricultura, no intuito de descrever como as cores se relacionam e representam as atividades que possibilitaram a fixação do homem no ambiente formando grupos sociais. Essas informações foram extraídas do IBGE bem como de Cunha e Godoy (2003). Dessa forma, correlacionou o conceito de protorregião (CARNEIRO, 2013), em suas classificações de minas, sertões, matas, campos e currais, ao de mesorregião e suas atividades econômicas-culturais. Por exemplo, a mesorregião Norte é considerada uma paisagem que tem características de protorregiões de campos, currais e sertões, e, sendo assim, a base lexical da cor “malhada” – que muito se refere à pelagem de animais/gado – foi mais encontrada nessa região.

3. *A problemática das cores*

Um leque de teorias de origens diversas – filosófica, psicológica, fisiologia, física, estética – vem estudando o fenômeno da cor. Desde Platão e Aristóteles, passando por Leonardo da Vinci (O tratado da pintura e da paisagem – sombra e luz), Newton (óptica – ou um tratado das reflexões, refrações, inflexões e cores de luz) e Goethe (Doutrina das cores), no século XV (GUIMARÃES, 2000).

Todo o espaço tridimensional é constituído por vetores luminosos que carregam as informações visuais de um objeto e a projeção desses feixes luminosos atinge as pupilas dos olhos do homem (GUIMARÃES, 2000). O mundo material se apresenta sob duas formas: substância e luz. Esta tem sua existência condicionada pela matéria, tratando-se de radiação eletromagnética emitida pela substância. Newton descobre o mecanismo de coloração dos corpos através da absorção e reflexão dos raios luminosos

determinado pela a propriedade que convencionou chamar de “cores permanentes dos corpos naturais” (PEDROSA, 1977).

A luz solar (o espectro óptico) contém todas as cores que o homem pode visualizar. A faixa projetada por várias cores se denominou espectro (latim *spectrum*). Qualquer ambiente juntamente com seus objetos materiais muda efetivamente de cor conforme suas fontes de luz. A cor dos objetos se altera conforme a luz que os atinge, devido a cor não ser característica dos objetos (FARINA *et al.*, 2006).

O ser humano, ao enxergar a cor, experencia a constância e o contraste perceptual dela, permitindo-lhe ver tonalidades de cor e instanciá-las em categorias, bem como ver diferentes tonalidades da mesma cor e instanciá-las na mesma categoria. As categorias de cor parecem, ainda, exibir certa similaridade através da cultura, na medida em que a aquisição cultural de certas categorias e as limitações acerca da percepção e da representação categórica fazem com que algumas categorias tenham uma distribuição similar para as categorias de cor, como pode ser visto em seres humanos de diferentes culturas (OLIVEIRA, 2015). Um dos aspectos da formação e da percepção da imagem ambiental é dado pela cor – informação latente no objeto (GUIMARÃES, 2000).

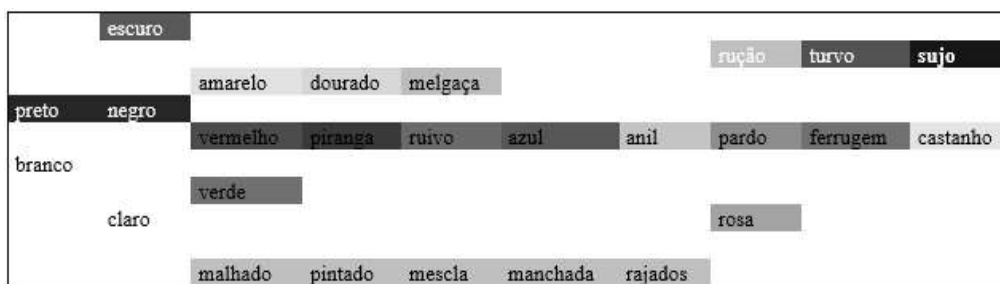
A sensibilidade humana permite enxergar cores e seu deslumbramento provocado pela sensação dos atributos coloridos da fauna, da flora, do ambiente físico (mares, rochas, céu, asfalto) (BIDERMAN; NASCIMENTO; PEREIRA, 2007). A flora e a fauna brasileiras são os campos em que mais se detectam nomes de cor (MARTINS; ZAVAGLIA, 2013).

A partir da percepção visual e da decodificação neurônica das cores, o repertório de signos é adquirido, consolidando a linguagem das cores. O microsistema das cores traduz a estreita relação entre léxico, sociedade e cultura, principalmente do ponto de vista linguístico. Está-se diante de um fenômeno de percepção sensorial, de aspectos físicos e fisiológicos, bem como envolve aspectos psicológicos e culturais (Gonçalves, 2017).

4. Análise

Pertencem à categoria dos cromotopônimos desta pesquisa 589 dados. Foram encontradas as seguintes cores.

Figura 3: Cores/bases lexicais encontradas nos sintagmas toponímicos



Fonte: elaborado pela autora (2024).

A seguir se encontram os resultados obtidos das bases lexicais mais encontradas compondo os cromotopônimos:

Figura 4: Cores/bases lexicais encontradas nos sintagmas toponímicos.

Cores	Mesorregiões												total_cores
	Metropolitana	Central Mineira	Noroeste	Jequitinhonha	Campo das Vertentes	Sul/Suldoes de Minas	Oeste	Norte	Triângulo Mineiro	Rio Doce	Vale do Mucuri	Zona da Mata	
preto	12	3	6	5		7	3	7	6	35	1	15	100
vermelho	17	1	2	5	1	13	4	12	3	15	0	20	93
dourado	4		1	2		18	2	3	32	1	4	1	68
verde	1	3	4	2	1	12		14	5	3	1	1	47
malhado	2	4	1	4		3	1	19	1				35

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Como se pode observar, a base lexical preta foi a que mais ocorreu, tendo 100 casos, seguida de vermelho (93 ocorrências), dourado (68), verde (47) e malhado (35). A seguir, analisam-se esses casos.

4.1. Preto

O significado de preto se relaciona, geralmente, a aspecto materiais como sombra, fumaças, coisas obscuras, sujas, poluídas, e afetivamente, estas se ligam a sentimentos de tristeza e melancolia (HELLER, 2022; FARINA *et al.*, 2006). As seguintes características faziam parte da paisagem física do ambiente mineiro:

Antes de mais nada, temos que concordar que os efeitos de uma paisagem constituída por montanhas pretas, dominando o conjunto, montanhas que parecem estar pesando sobre o coração dos homens, só poderia realçar os efeitos da tristeza produzida pelo clima e pelo solo. (TORRES, [1943] 2011, p. 70)

De repente, passaram, aos galopes e gritos, uns companheiros, que tocavam um boi preto que iam sangrar e carnear em beira d'água. (ROSA, 1956, p. 35)

Preto se refere e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões. A correlação entre cor, mesorregião, protorregião e atividade econômico-cultural seria assim:

35 ocorrências no Rio Doce / ambiente natural de campos e currais / atividades de pecuária e agricultura.

17 ocorrências na Zona da Mata / ambiente de matas e sertões / atividade de agricultura

12 ocorrências na Metropolitana / ambiente de alternância de minas (por excelência), campos e currais / atividade de mineração

No que se refere às atividades econômicas de mineração, pecuária e agricultura, a cor preta está ligada a elas de formas direta e indireta, via nuances. Na mineração, o preto aparenta ser cinza e turvo. Por exemplo, na mesorregião Metropolitana foram encontrados 12 cromotopônimos de base preta, como Rio Preto. Em se tratando de uma região onde se iniciou a exploração de ouro, há muita poluição e devastação causadas pela mineração, portanto, essas tonalidades podem qualificar os acidentes, como rio, de forma negativa, uma vez que a cor preta tem também por definição ser algo sujo e sombrio.

Na pecuária, encontrou-se o preto está ligado à cor da pelagem os animais e alguns solos enegrecidos de cinza e poeira. De fato, se encontraram cromotopônimos nas zonas características de tal atividade, Triângulo Mineiro (6), Norte (7) e Jequitinhonha (5).

Na agricultura os solos, muitas vezes, têm cor preta, assim como o fruto do café, cuja cultura foi predominante no estado, tem uma cor escura, preta e avermelhada. Nas lavouras cafeeiras, o fruto do café passa a maior parte de sua existência junto ao pé, quando sua coloração é avermelhada, e escurece ao preto sazonalmente, até que chegue o momento de colheita dos frutos. E, de fato, tiveram ocorrências de cromotopônimos de base preta/negra nas áreas Zona da Mata (15) e Sul/Sudoeste de Minas (7), zonas de plantio de café.

4.2. Vermelho

A base lexical de cor vermelha foi a segunda mais encontrada compondo os cromotopônimos.

A base lexical vermelha foi encontrada em todas as mesorregiões, exceto em Vale do Mucuri. Teve alta frequência em Zona da Mata, 20 ocorrências, Metropolitana, 17, Rio Doce, 15, Sul/Sudoeste de Minas, 13, Norte, 12, nas demais teve baixos índices. Essa tonalidade colore todo o espaço de Minas Gerais.

Ela é a cor por excelência, a primeira de todas as cores, sendo a cor do sangue, da vida. É cor da terra, o início de tudo, onde se minera, pasta e colhe (HELLER, 2022; FARINA *et al.*, 2006)

E começando pela lavra desta, se o ribeiro depois de examinado com socavão faiscou ouro, é sinal infalível que o tem também a terra, na qual, dando ou abrindo catas e cavando-a primeiro em altura de dez, vinte ou trinta palmos, em se acabando de tirar esta terra, que de ordinário é vermelha (...) (ANTONIL, 2012 [1650-1716], p. 197-98)

De repente, passaram, aos galopes e gritos, uns companheiros, que tocavam um boi preto que iam sangrar e carnear em beira d'água. (ROSA, 1956, p. 35)

Vermelho se refere e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões. A correlação entre cor, mesorregião, protorregião e atividade econômico-cultural seria assim:

20 ocorrências na Zona da Mata / ambiente natural de matas e sertões / atividade de agricultura

17 ocorrências na Metropolitana / ambiente de alternância de minas (por excelência), campos e currais / atividade de mineração

15 ocorrências no Rio Doce / ambiente natural de campos e currais / atividades de pecuária e agricultura.

13 ocorrências Sul/Sudoeste / ambiente natural de matas / atividades de agricultura

12 ocorrências no Norte / ambiente natural de campos, currais e sertões / atividades de pecuária

A cor vermelha foi muito encontrada em elementos/referentes que constituem a terra: para minerar (a terra boa era considerada a vermelha), para pastar (pelagem, bem como ao abate, processamento e armazenamento de produtos de origem animal) e para plantar. É possível afirmar,

ainda, ter havido um processo de metáfora, mais no sentido de homenagear a exuberância da cor vermelha advinda da vivacidade do solo, do sol, das matas, dos rios, bem como da potência das atividades de mineração, agricultura e pecuária. Mas, em contrapartida, por analogia e metáfora, também se tem o vermelho nomeando rios e serras, mas não no sentido de homenagem e de relevância, mas sim sob o ponto de vista de uma crítica negativa, a algo sombrio e violento das atividades econômicas mencionadas.

4.3. Dourado

A base lexical dourada foi encontrada em quase em todas as mesorregiões, exceto em Vale do Mucuri e Central Mineira. Teve alta frequência no Triângulo Mineiro, 32 casos, Sul/Sudoeste de Minas, 18, as demais regiões tiveram entre 1 a 4 ocorrências. Essa cor é a cor do ouro, relacionando-se a status e poder. É preterida pelos poetas, sendo mais reluzente que o pálido amarelo. É também a cor do sol, tão característico do horizonte das gerais. (HELLER, 2022; FARINA *et al.*, 2006). Ademais, é a cor da pelagem dos animais, seres sagrados para formação do território mineiro.

Ao relançar das labaredas, e o refreixo das cores dando lá acima nos galhos e folhas, essas trocavam tantos brilhos e rebrilhos, de dourado, vermelhos e alaranjado às brasas, essas esplendências, com mais realce que todas as pedras de Araçuaí, do Jequitinhonha e da Diamantina (ROSA, 1956, p. 536)

Dourado se refere e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões. A correlação entre cor, mesorregião, protorregião e atividade econômico-cultural seria assim:

32 ocorrências no Triângulo Mineiro / ambiente natural de campos e currais / atividades de pecuária e agricultura.

18 ocorrências Sul/Sudoeste / ambiente natural de matas / atividades de agricultura

Dourado foi muito encontrado no Triângulo Mineiro, região agropastoril, sendo caracterizado por temperaturas altas, extensas planícies, chapadões, forte atividade de pecuária, protorregiões de campos e de currais, bem como região de vegetação exuberante. Em seguida, a escala foi encontrada no Sul/Sudoeste de Minas, isto é, liga-se à atividade agrária por excelência, sobretudo, à cafeeira.

4.4. *Verde*

A base lexical verde foi produtiva nas mesorregiões Norte, 14 casos, seguida da Sul/Sudoeste de Minas, 12, e Triângulo Mineiro, com 5. As demais regiões tiveram entre 1 a 4 ocorrências, com exceção de Oeste que não teve a base lexical.

O verde é a cor característica dos elementos da natureza. (Heller, 2022; Farina et al., 2006). Minas Gerais é banhada pela Mata Atlântica, de potência e exuberância, do sombrio e enegrecido verde das matas.

Verde se refere e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões. A correlação entre cor, mesorregião, protorregião e atividade econômico-cultural seria assim:

14 ocorrências no Norte / ambiente de campos, currais e sertões / atividade de pecuária

12 ocorrências Sul/Sudoeste / ambiente natural de matas / atividades de agricultura

No geral, o Norte tem característica de ter grandes chapadões de montanhas, muitas gramíneas, domínio do ecossistema cerrado para a caatinga. Esse mar de montanha pode apresentar a cor verde – “versicólores”, ou seja, “Todavia, cabe dizer que, em suas nuances de verde, enfeitadas de outras cores, as matas, os campos e serras de Minas acabam por ser versicólores, isto é, “de várias cores (...)” (Borges, 2004, p. 112). No Sul/Sudoeste de Minas teve forte presença da atividade agricultura, daí a se encontrar os expoentes representativos da cor verde.

4.5. *Malhado*

A base lexical malhada também foi bastante encontrada constituindo cromotopônimos. Malhado ocorreu em todas as mesorregiões, exceto em Campo das Vertentes, Vale do Mucuri, Rio Doce e Zona da Mata. Pintado se manifestou em Norte, Jequitinhonha, Metropolitana. Esta cor de difícil precisão se relaciona à pelagem de animais. Por meio da pata do boi, descobriu-se o sertão, símbolo de progresso. O gado vacum consagrou a alimentação do povo da montanha, bandeirantes, mineradores.

A gente ia para o Buriti-Pintado. A lá, consta de dez léguas, doze, – “Na hora, cada um deve de ver só um algum judas de cada vez, mirar bem e atirar. O resto maior é com Deus...” – já vai que falava. [...] E as malocas de bois e vacas que se levantavam das malhadas, de acabar de dormir, suspendendo corpo sem rumor nenhum, nomeio-escuro, como um açúcar se

derretendo no campo. [...] Diadorim, mesmo, a cara muito branca, de da alma não se reconhecer, os olhos rajados de vermelho, o encovo. Aquilo era o crer da guerra. [...] Agora, daquela hora, era meu o cavalo grande, com suas manchas e riscas – ah, como ele pisava peso no chão, e como ocupava tão grande lugar! (ROSA, 1956, p. 126, 403, 500 e 614)

Malhado se refere e nomeia as paisagens da natureza e seus referentes que constituem as protorregiões. A correlação entre cor, mesorregião, protorregião e atividade econômico-cultural seria assim:

19 ocorrências no Norte / ambiente de campos, currais e sertões / atividade de pecuária

Essa cor é encontrada na obra de Guimarães Rosa se remetendo à pelagem de animais, podendo se referir a muitas cores, como malhado-vermelha, malhado-amarela, malhada de preto (Borges, 2004). Notou-se que essa base lexical se relaciona e nomeia majoritariamente o referente de mundo cor da pelagem de animais. No entanto, parece se referir mais ao animal que à própria cor, a ponto de se reconhecer e designar o animal pelo hipônimo malhada em vez do hiperônimo gado. Além de designar nomes comuns, essa base lexical motiva, também, a criação de nome próprio, bem como em topônimos.

5. Considerações finais (ou Conclusão)

Ao olhar para os sintagmas toponímicos – cromotopônimos – examinando-os, fez-se uma viagem ao passado, no intuito de poder descobrir os aspectos físicos, históricos, culturais, econômicos e sociais relacionados aos termos de cores, servindo como fator motivacional no ato de nomeação dos lugares. Analisou-se, assim, o léxico das cores do estado de Minas Gerais nomeando acidentes físicos e humanos.

Este trabalho demonstrou que as cores estão relacionadas ao ambiente físico, econômico e cultural de Minas Gerais. As bases lexicais mais encontradas foram: preto, vermelho, dourado, verde e malhado. As cores nomeiam tanto o ambiente físico, isto é, quando o homem luta com o meio para se fixar, bem como as relações sociais e econômicas que estabelece para sobreviver. O ambiente físico desta pesquisa foi descrito sob a definição de protorregiões (CARNEIRO, 2013), já o social foi trabalhado tendo em vista o modelo de regionalização das doze mesorregiões que compõem Minas Gerais, sendo historicamente, classificada como região cultural mineradora (CUNHA; GODOY, 2003).

Conclui-se, portanto, que a paleta de cores representativa de Minas Gerais foi formada pelas escalas cromáticas de vermelho, preto, dourado, malhado e verde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 2012. Disponível em: <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/cultura-opulencia-do-brasil.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: _____. *Estudos de filologia e Linguística*. São Paulo: EDUSP, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, v. 22, n. 4, p. 81-96, Porto Alegre, dez. 1987.

BORGES, Maria Zélia. *Coleta de cores: uma ode a Minas Gerais*. São Paulo: SGuerra, 2004.

BROWN, R.; LENNEBERG, E. A study in language and cognition. *The Journal of Abnormal Psychology*, Washington, v. 49, n. 3, p. 454-62, 1954.

CARNEIRO, Patrício Aureliano S. *Do Sertão ao Território das Minas e das Gerais: entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no período colonial*. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MPBB-95SMJC>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CARVALHO, Ana Paula. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9PMR2U>. Acesso em: 10 maio 2021.

CUNHA, Alexandre Mendes; GODOY, Marcelo Magalhães. *O espaço das Minas Gerais: processos de diferenciação econômico-espacial e regionalização nos séculos XVIII e XIX*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 5., 2003. Belo Horizonte. *Anais...* Disponível em: https://www.abphe.org.br/arquivos/2003_alexandre_mendes_cunha_marcelo_magalhaes_godoy_-o-espaco-das-minas-gerais-proces

sos-de-diferenciacao-economico-espacial-e-regionalizacao-nos-seculos-xviii-e-xix.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia linguística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 5. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2006.

GONÇALVEZ, Maria Filomena. O ‘Campo das cores’ no dicionário histórico do português de Portugal (sécs. XVI-XVIII). In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUES, 5., Simpósio 52 – Estudos históricos do léxico e lexicografia do português, 1177-1194. 2017. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17856>. Acesso em: 9 ago. 2021.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2000.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. 4. reimpr. São Paulo: Olhares, 2022.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARTINS, Sabrina de Costa; ZAVAGLIA, Claudia. *Léxico e cores: as expressões cromáticas contribuindo para a ampliação lexical*. 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/10347>. Acesso em: 24 mar. 2023.

_____; _____. *O relativismo linguístico dos nomes populares das espécies da fauna e da flora*. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/176860/178824>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. Trad. de Jorge Moraes Barbosa. 5. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

MONTE-MÓR, R. A fisionomia das cidades mineradoras. *Texto para discussão*, CEDEPLAR-UFMG, n. 163, p. 1-13, 2001a.

OLIVEIRA, Debora Fontoura. *A percepção*: um processo objetivo, categórico e não conceitual. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed Léo Cristiano, 2002.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SAPIR, Edward. *Língua e ambiente*. Linguística como ciência. Ensaios. Livraria Acadêmica, 1969.

_____. *Linguística como ciência*. Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. In: SOBRAL, G.N.T.; LOPES, N. da S.; RAMOS, J.M. *Linguagem, sociedade e discurso*. São Paulo: Blucher, 2015.

TORRES. João Camillo de Oliveira. *O homem e a montanha*: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Coleção Historiografia de Minas Gerais. Série Alfarrábios.

Outra fonte:

GOVERNO DE MINAS GERAIS. Disponível em: mg.gov.br. Acesso em: 20 out. 2023.